Macron e Le Pen seguem em frente na corrida presidencial em França. Neste programa analisamos os resultados da primeira volta e a forma como foram recebidos na Europa

União Europeia e China em reunião de alto nível em Pequim. O futuro das relações bilaterais em análise nesta edição

Comissão Europeia avança orientações para melhorar a situação dos menores que procuram asilo na Europa

Bem-vindos ao Magazine Europa,

Emmanuel Macron e Marine Le Pen vão competir na segunda volta das presidenciais francesas. Na primeira volta, realizada no último domingo, o candidato independente Emmanuel Macron foi o vencedor, com 23,8 por cento dos votos. A reportagem é do jornalista da Antena 1, Frederico Moreno:

RM – Frederico Moreno:
"Como uma estrela pop, Macron chegou ao som da música que quase transformava a sala numa discoteca em que muitos dançavam. Macron começou por agradecer o apoio público dos candidatos do Partido Republicano e do Partido Socialista.

Macron: 'Queria agradecer a Benoît Hamon e François Fillion por terem apelado ao voto em mim na segunda volta.'

O candidato independente disse que foi a vontade de mudança que penalizou os dois maiores partidos franceses e declarou apoio à Europa, numa clara diferença em relação a Marine Le Pen.

Macron: 'Pelo nosso país e pela Europa."

Noutro ataque à líder da Frente Nacional, Emmanuel Macron assumiu-se pelo patriotismo, contra a ameaça do nacionalismo.

Macron: 'O Presidente dos patriotas, face à ameaça dos nacionalistas.'

Os apoiantes deliraram com o discurso do candidato.

Apoiantes: 'Estou muito contente com os resultados.' 'Estou muito contente. É óptimo.'

Macron prometeu ainda virar uma nova página na política francesa, com novas caras e novos talentos. A meta está a 15 dias de distância.

Macron: 'Começa esta noite e vamos ganhar.'

Macron parte de camisola amarela. Vai ser dura a corrida até ao sprint final.

Macron: 'Viva a República! Viva a França!'"

++++++

Já Marine Le Pen, candidata da extrema-direita, obteve 21,5 por cento dos votos. E falou num momento histórico:

RM – Marine Le Pen:
"A primeira etapa que vai conduzir o povo francês ao Eliseu está ultrapassada. O resultado é histórico. Isto confere-me uma responsabilidade imensa de defender a nação francesa, a sua unidade, a sua segurança, a sua cultura, a sua prosperidade e a sua independência. O povo francês deve aproveitar esta oportunidade histórica porque o que está em jogo nesta eleição é a globalização selvagem que ameaça a nossa civilização."

Tanto François Fillon, do centro direita, como Jean-Luc Mélenchon, do Partido de Esquerda, conseguiram menos de 19 por cento dos votos. Mais atrás ainda na corrida ficou o candidato do Partido Socialista, Benoît Hamon, que entretanto já apelou ao voto contra a líder da Frente Nacional.

Esta foi, de resto, a primeira vez em cerca de 60 anos que nenhum dos principais candidatos da esquerda ou da direita passaram à segunda volta das eleições.

Ao telefone a partir de Bruxelas está o comentador residente do Magazine Europa, Victor Ângelo, consultor internacional baseado na capital belga. Olá, Victor, olhando para estes resultados, quem é o grande perdedor desta primeira volta?

RM – Victor Ângelo:
"O grande perdedor desta eleição ou desta volta são os partidos tradicionais, ou seja, o centro direita, nomeadamente o partido dos republicanos, o antigo partido gaullista, e também o Partido Socialista, que obtém um resultado muito baixo, e que, na realidade, vai estar em crise profunda."

O Partido Socialista teve o pior resultado desde 1969. Como se explica esta situação?

RM – Victor Ângelo:
"O resultado de Benoît Hamon, pelo Partido Socialista, vem da opinião que a população francesa tem em relação à presidência de François Hollande. François Hollande foi visto ao longo destes cinco anos como um líder indeciso, um presidente pouco eficiente, provavelmente vai ficar na história das últimas décadas como o presidente mais incompetente da França e isso, evidentemente, teve um impacto negativo muito grande no seu partido, ou seja, no Partido Socialista."

Macron vai ser eleito com facilidade na segunda volta?

RM – Victor Ângelo:
"A população francesa mostrou que quer mudança. Aliás, é preciso notar que 45 por cento dos franceses votaram pelos candidatos extremistas, ou seja, pelos candidatos que propunham agendas radicais. Por isso, há um grande descontentamento com o sistema político francês e os eleitores querem uma nova geração e um novo tipo de políticos à frente do país. E Macron terá que insistir, nos próximos 15 dias, que ele representa a renovação política em França. Se ele conseguir fazer isso, e se, ao mesmo tempo, conseguir mostrar que Marine Le Pen levaria o país ao desastre, que Marine Le Pen é a extrema-direita que só pode trazer ruína económica e divisões sociais para a França, eu penso que tem muitas hipóteses. Também é verdade que neste momento as sondagens dão Emmanuel Macron como o vencedor final, ou seja, o vencedor da segunda volta. E as sondagens saem destas eleições bastante reforçadas, ou seja, as previsões que tinham sido feitas antes das eleições pelos institutos de opinião mostraram-se válidas e hoje em dia as pessoas em França voltaram a acreditar nas sondagens."

E o facto de as pessoas acreditarem nas sondagens, não poderá mobilizar mais apoiantes de Le Pen, por exemplo?

RM – Victor Ângelo:
"Marine Le Pen conseguiu uma votação excepcional. Ao conseguir cerca de 7 milhões de votos, ela mobilizou praticamente todos os eleitores com que pode contar. Agora na segunda volta ela poderá convencer alguns dos eleitores do centro direita, e também alguns dos eleitores da extrema esquerda, a votarem por ela, ou seja,

aquelas pessoas que querem uma mudança radical em França e nomeadamente a saída da França da NATO e da União Europeia. Mas não vai ser fácil. Marine Le Pen vai ter pela frente, nos próximos 15 dias, um combate muito difícil. Ela vai continuar a insistir nas questões de segurança, no terrorismo, vai tentar ganhar votos falando contra a Europa, contra a globalização, contra a imigração, falando na identidade do povo francês e isto são temas que, apesar de tudo, mobilizam muito os votantes. É preciso ter em conta que Marine Le Pen é neste momento, provavelmente, um dos políticos mais combativos e mais experientes em França."

Como foram recebidos estes resultados na Europa?

RM – Victor Ângelo:
"Em Bruxelas, e noutras capitais, os resultados foram muito bem recebidos. Aliás, Jean-Claude Juncker, o Presidente da Comissão Europeia, foi o primeiro lídere estrangeiros a felicitar Emmanuel Macron. Também Angela Merkel, e também noutros países, nomeadamente Portugal, houve expressões oficiais de apoio. Por isso, penso que, em termos europeus, o facto de Emmanuel Macron aparecer à frente nos resultados da primeira volta envia um sinal de esperança, que é sentido não só em Bruxelas, como nas outras capitais, e que é sentido também nas bolsas europeias. As bolsas europeias começaram a semana em alta – e uma alta excepcional. No caso da França, chegou aos 3,6 ou 3,7 por cento num dia, o que é absolutamente único. Em termos europeus, há um certo renascer do optimismo. Mas eu penso que as coisas ainda não estão resolvidas e é preciso, evidentemente, que Emmanuel Macron consiga vencer as eleições e consiga continuar a insistir que, para os franceses e para a Europa, é fundamental que a União Europeia se fortaleça e não que seja enfraquecida."

Dirigentes da China e da União Europeia estiveram reunidos nos últimos dias em Pequim para discutir as relações bilaterais. A globalização e as alterações climáticas foram alguns dos temas em cima da mesa, como nos conta a jornalista Olga Pereira, da Rádio Macau:

RM – Olga Pereira – eu-china
"Foi a 7ª edição do Diálogo Estratégico União Europeia-China. Uma cimeira que contou com a presença da Alta Representante da União Europeia para os Negócios Estrangeiros e a Segurança.
Federica Mogherini lembrou que Bruxelas e Pequim partilham o dever de salvaguardar a ordem internacional, encontrar respostas

para a ameaça do terrorismo e lidar com outros desafios globais, como as alterações climáticas.
Num encontro com a chefe da diplomacia europeia, o Primeiro-Ministro chinês defendeu que os dois lados devem trabalhar em conjunto para dar um "sinal positivo" sobre a globalização e o comércio livre. Li Keqiang disse que as duas potências mundiais devem "responder aos desafios globais" e "reformar e aperfeiçoar o sistema de governo inernacional".
A liderança chinesa tem vindo a defender a ideia de globalização e a apresentar a China como uma economia aberta, mas muitas vozes no sector empresarial dizem que os empreendedores estrangeiros ainda enfrentam limitações no acesso ao mercado chinês.
A cimeira constituiu o primeiro encontro de alto nível entre a União Europeia e a China desde que Donald Trump foi eleito Presidente dos Estados Unidos."

Victor, o que ficou desta reunião entre a União Europeia e a China?

RM – Victor Ângelo:
"Eu penso que a principal mensagem que os europeus e os chineses enviaram para a cena internacional foi uma mensagem de estabilidade e previsibilidade. Os chineses e os europeus querem ser os principais actores ao nível internacional num mundo que é imprevisível e que precisa de grandes potências – como é a China e como é a União Europeia – que transmitam uma certa tranquilidade às relações políticas e económicas internacionais. Esta cimeira, este Diálogo Estratégico entre a União Europeia e a China vai continuar a ser um diálogo que vai bater na tecla da estabilidade, vai bater na tecla das relações internacionais previsíveis e vai continuar a tratar de questões como a globalização – e a apostar na globalização –, no comércio livre entre os diferentes países do mundo, e também, evidentemente, na grande questão que é a questão das mudanças climáticas."

A nova política da Administração Trump de "América Primeiro" pode aproximar Pequim de Bruxelas?

RM – Victor Ângelo:
"Eu penso que sim, penso que há uma grande preocupação quer em Bruxelas, quer em Pequim, em relação às opções políticas de Donald Trump. E Beijing e Bruxelas querem apostar, digamos assim, numa relação internacional que promova a estabilidade na área internacional e que, por outro lado, continue a insistir nos grandes princípios que têm sido princípios orientadores do crescimento

económico dos últimos anos, ou seja, o comércio entre as nações, em vez do proteccionismo, e também a questão das mudanças climáticas. A parceria entre a União Europeia e a China está neste momento a ser uma parceria fundamental e continuar a apostar no desenvolvimento dessa parceria é, em certa medida, um contrapeso em relação à política de incertezas que a eleição de Donald Trump trouxe."

Mas há ainda desafios nas relações entre a União Europeia e a China...

RM – Victor Ângelo:
"É evidente que há grandes diferenças e, nomeadamente, diferenças que têm a ver com o facto de muitos europeus estarem convencidos de que o mercado chinês continua a ser um mercado relativamente difícil em termos de abertura aos investimentos europeus. Há também a questão do aço chinês, que preocupa os produtores de aço na Europa. Por outro lado, em termos geoestratégicos há a situação no sul do Mar da China, que é uma situação que é vista na Europa como tendo a possibilidade de criar uma zona de conflito numa parte importante do mundo, e são também, evidentemente, as questões relacionadas com a Coreia do Norte e o papel que a China poderá desempenhar no sentido de fazer com que a Coreia do Norte evolua para um relacionamento internacional mais baseado nos princípios e, finalmente, a grande questão dos direitos humanos e da protecção da sociedade civil na China."

No Reino Unido, a primeira-ministra propôs eleições antecipadas para 8 de Junho. A decisão semanas depois de Theresa May ter iniciado formalmente o processo de saída do país da União Europeia. A primeira-ministra britânica justificou a decisão dizendo que "o país está cada vez mais unido, mas Westminster não".

A Comissão Europeia propôs recentemente uma série de medidas que visam melhorar a protecção dos migrantes menores, numa altura em que as estimativas indicam que 30 por cento dos migrantes que procuraram refúgio na Europa em 2015 e 2016 eram menores. O jornalista André Jegundo, da União Europeia, resume o essencial dessas medidas:

RM – André Jegundo:
"Um dos pontos a aperfeiçoar é o do sistema de identificação à chegada. A ideia é que haja uma pessoa dos serviços de protecção de menores a marcar presença logo no início da fase de registo de migrantes, e também nas instalações que recebem menores.

Outra das questões que preocupam a Comissão Europeia é garantir que há condições adequadas para receber os menores: todos devem ser avaliados o mais rapidamente possível e devem ter acesso sem demora a educação, assistência jurídica, cuidados de saúde e apoio psicológico, independentemente do estado do pedido de asilo. É também preciso fornecer soluções familiares de acolhimento aos menores que cheguem ao continente não acompanhados por adultos.
A Comissão propõe a criação de uma rede de guardiães europeus para promoção de boas práticas, e defende a aceleração dos trabalhos de reunificação familiar, dentro ou fora da União Europeia. Diz ainda a Comissão que os casos de migração que envolvam menores devem receber sempre tratamento prioritário.
A Comissão promete ainda disponibilizar fundos para promover a integração dos migrantes menores e defende a necessidade de reforçar o apoio de países parceiros em áreas como a prevenção do tráfico de menores."

Como avalia as medidas propostas pela União Europeia para lidar com o elevado número de menores que chegam à Europa?

RM – Victor Ângelo:
"É positivo. O número de menores tem aumentado de modo significativo – crianças acompanhadas ou não acompanhadas pelos pais. Diz-se, neste momento, aqui em Bruxelas, que em cada três pessoas que chegam à Europa uma delas é menor. Há aqui um problema muito concreto que é preciso resolver e é preciso uma atenção muito especial em relação ao tratamento das crianças, quer em termos de assistência psicossocial, em termos de protecção legal, de cuidados de saúde, de educação, também de integração das famílias com crianças e especialmente a questão dos menores não acompanhados. Porque, na realidade, a questão dos menores não acompanhados esconde um problema muito grave que é o do tráfico de crianças e este tráfico de crianças é, neste momento, uma das fontes de rendimento daqueles que, no Norte de África e noutras partes do Médio Oriente, estão a promover a chegada de menores à Europa."

O Fundo de Emergência da União Europeia para África anunciou entretanto um programa que visa reforçar a protecção de migrantes, refugiados e comunidades de acolhimento na Líbia. Um programa avaliado em cerca de 90 milhões de euros. Pode ser uma medida eficaz para lidar com a chamada crise dos refugiados?

RM – Victor Ângelo:
"Apostar na Líbia é fundamental. A maioria dos candidatos à migração que atravessam o Mediterrâneo central vêm da Líbia. E a verdade é que a Líbia é, neste momento, um país fracturado politicamente, um país com muitos problemas de legalidade e de ordem pública e, evidentemente, os candidatos à emigração são facilmente objectos de exploração pelos grupos criminosos que operam na Líbia. E é preciso, evidentemente, reforçar o poder das autoridades líbias que são reconhecidas como legítimas e, nesse sentido, a ajuda europeia é fundamental. A ajuda europeia já tinha, até agora, cerca de 120 milhões de euros disponíveis para reforçar as instituições de governo e de segurança na Líbia e agora a esses 120 milhões acrescentam-se 90 milhões para melhorar a protecção dos migrantes que estão actualmente em várias partes da Líbia, e isso é muito importante. Por outro lado, não podemos esquecer que, além do esforço especial que está a ser feito no território líbio, temos também, ao nível marítimo, uma operação naval que é a operação Sofia, uma operação que pretende reforçar, por um lado, o papel da guarda costeira da Líbia, pretende, por outro lado, prender traficantes de pessoas e, em certa medida, salvar aqueles emigrantes que se encontrem em perigo em embarcações de fortuna ao tentar atravessar da Líbia para o Sul de Itália."

A fechar, uma iniciativa cultural que visa lutar contra a xenofobia.
Em causa a discriminação de que foram alvo alguns polacos no Reino Unido, depois do Brexit.

A Embaixada da Polónia em Londres organiza nos dias 6 e 7 de Maio o Dia do Património Polaco. A iniciativa decorre em várias localidades do Reino Unido e inclui espectáculos, piqueniques e palestras.

A ideia é elevar o conhecimento que polacos e britânicos têm uns dos outros, de modo a aproximá-los.

Até para a semana!

[Ficha técnica]

Com edição e apresentação de Sofia Jesus, a análise de Victor Ângelo e coordenação de Rui Flores, Magazine Europa resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do Projecto Jean Monnet Magazine Europa.

As opiniões expressas neste magazine não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia.

O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, co-financiada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus +.

Estamos no Facebook em Magazine Europa.